



NARRATIVAS DE VIAGEM, ENCONTRO COLONIAL E ALTERIDADE: UM OLHAR A PARTIR DA GEOGRAFIA FEMINISTA

María Dolors García-Ramón

Nesta conferência eu pretendo recuperar para o pensamento geográfico algumas tradições que foram consideradas pouco ‘científicas’ em seu momento, como os livros de exploração e viagens. Esses livros e as narrativas de viagem constituem um rico material para a compreensão da apropriação intelectual que a Europa fez do ‘Oriente’, tanto como parte integrante, como produto de um vasto processo conhecido como colonialismo, no qual a geografia esteve profundamente envolvida. Em particular, quero resgatar do esquecimento as narrativas escritas por mulheres viajantes e exploradoras, que também estão na base da formação de nossa disciplina.

A conferência está dividida em três partes. Na primeira delas realiza uma revisão da percepção crítica das proposições de Edward Said sobre o ‘orientalismo’ e a ‘alteridade’, uma das referências intelectuais da geografia pós-colonial, e examina as recentes análises nos campos da geografia e do feminismo. O estudo das narrativas de mulheres viajantes a partir de uma perspectiva feminista e pós-colonialista tem desempenhado um papel muito importante nesta análise crítica das proposições de Said e da história das explorações. A segunda parte está centrada nas experiências de duas mulheres viajantes europeias ao mundo árabe no princípio do século XX, Gertrude Bell e Isabelle Eberhardt. A escolha dessas duas mulheres se deve à razão de que ambas encarnam maneiras muito diferentes no enfrentamento da alteridade que o mundo do islã supunha para a Europa em seu tempo. Finalmente, na terceira seção, esboçarei algumas conclusões.



AS CONTRIBUIÇÕES DOS ESTUDOS PÓS-COLONIAIS AO ESTUDO DA ALTERIDADE E DAS NARRATIVAS DE VIAGENS

A partir da década de 1990, a geografia tem reconsiderado as noções de conhecimento, de objetividade e das linguagens herdadas das descrições e ilustrações hegemônicas. A geografia tem nos convidado a re-construir sua própria história, considerando a pluralidade e a as diferentes formas de compreendê-la (DRIVER, 2001; LIVINGSTONE, 2003; NOGUÉ e ROMERO, 2006; PIMENTA et. al., 2006; JAZEEL e McFARLANE, 2010).

Com esta proposição se pode estudar a contribuição dos livros de viagem e de exploração na constituição das bases de nossa disciplina, sobretudo no período do final do século XIX e princípio do século XX (HERODOTE, 1978; GODLEWSKA e SMITH, 1994; PHILLIPS 2006; GARCÍA-RAMÓN et al., 2007; ZUSMAN et. al., 2007; SIDAWAY, 2012). De fato, os homens e mulheres viajantes/exploradores se constituíram em legitimadores da autoridade científica e sua atividade não apenas faz parte da exploração colonial europeia, como também simboliza uma visão de mundo em que as ações europeias são tidas como ‘fundamentalmente civilizadoras’.

Há poucos anos começou-se a utilizar o termo ‘pós-colonial’, mas o êxito e a extensão do seu uso têm sido surpreendentes. Em 1993, Homi K. Bhabha, um de seus propagadores, argumentava que o termo era utilizado cada vez mais para se referir àquela forma de crítica social que decifra os processos desiguais de representação com os quais a experiência histórica do Terceiro Mundo colonizado chega a conceitualizar-se no Ocidente. Assim, a aparição dos estudos pós-coloniais está relacionada com a chegada, acesso e consolidação no mundo acadêmico ocidental de estudiosos originários do Terceiro Mundo e, assim, compreende-se que este enfoque contenha uma forte crítica ao eurocentrismo e, em geral, ao etnocentrismo. As críticas ao termo ‘pós-colonial’ não foram poucas (DIKEÇ, 2010). Contudo, a realidade é que o termo se consolidou e se impôs de forma profunda nas ciências sociais, incluindo a geografia. Os próprios críticos do termo já não propõem sua supressão. Uma peça-chave nos estudos pós-coloniais tem sido a análise da obra de Edward Said (1978), que, apoiando-se em Foucault e Gramsci, propõe que o Oriente não existe realmente, mas que:

[...] o Oriente é uma construção europeia, um produto intelectual europeu, uma imagem do Outro, que permite, ao definir o Outro, identificar-se a si mesmo como europeu, como ocidental [e portanto como superior]. (SAID, 1978, p. 5).

A metáfora de Said é especialmente sugestiva para a geografia por duas razões. Em primeiro lugar porque na construção da alteridade, a espacialidade tem um papel importante. O 'outro' é concebido como uma entidade externa, contra a qual 'nós' e 'nossa identidade' se mobiliza e reage. Notadamente no encontro colonial o 'outro' vive além, em outro lugar e, assim, a própria noção tem, portanto, uma intrínseca dimensão espacial. A segunda razão de que Said interessa para a geografia é porque o período de consolidação e institucionalização do 'orientalismo' coincide com o período de máxima expansão colonial europeia e com o auge do momento da criação das sociedades geográficas europeias e da expansão da geografia como ciência.

Nesta mesma linha, a história da geografia coloca uma ênfase especial na análise dos contextos institucionais, intelectuais e sociais em que as práticas da exploração estiveram presentes. É básico, assim, estudar o papel que os exploradores e exploradoras desempenharam na popularização de mitos e fantasias sobre o mundo europeu, já que a exploração geográfica não apenas superava distâncias físicas, mas também proporcionava diferentes visões do 'outro' e ajudava a criar aquilo que se denominava 'geografias imaginativas' (GREGORY, 2000).

Os relatos de viagem foram o veículo por meio do qual o conhecimento popular e também o científico foram transmitidos a um público mais amplo (por exemplo, a classificação das espécies). Com certeza, as proposições de Said foram cruciais para os estudos pós-coloniais, mas o seu esquema de oposição binária entre ocidente/oriente e entre colonizadores/colonizados é um tanto simplista e deixa pouco espaço para a reflexão de posturas fluidas e ambivalentes (DOMOSH, 1991; McCLINTOCK, 1995; YEGENOGLU, 1998; MILLS, 2005; DELL'AGNESE e RUSPINI, 2005).

Além disso, Said desconsidera o papel desempenhado pelas mulheres no encontro colonial. Precisamos lembrar a multidão de esposas dos funcionários ou de oficiais, missionárias, enfermeiras, professoras, inclusive turistas, etc. Não se pode desconsiderar que a aparente trivialidade da vida da maioria das mulheres europeias nas colônias ocultava provavelmente um papel nada desprezível em um sistema imperial que era, em princípio, bastante androcêntrico (KABBANI, 1986; PRATT, 1992; LEWIS, 2004; ROSSI, 2005).

Por esta razão, as proposições de Said foram amplamente criticadas pelos estudos feministas e pós-coloniais (BLUNT e ROSE, 1994; McEWAN, 2000; CERAROLS, 2008). Certamente que a posição peculiar das mulheres, entre o discurso do colonialismo e o da feminilidade, podia apontar alguns elementos de contradição no encontro colonial. Em última instância, a posição das mulheres, em geral subalternizadas em uma sociedade patriarcal, poderia gerar por parte delas um olhar crítico da condição colonial.

A ideia que subjaz a uma boa parte desta revisão feminista pós-colonialista é a esperança de que as mulheres, também colonizadas pelo seu gênero em seu próprio país, possam, quem sabe, reconhecer e opor-se mais abertamente à colonização baseada sobretudo na diferença racial. Esta possível ruptura interior permite explicar certa ambivalência ou ambiguidade como o projeto colonial que frequentemente se observa nas narrativas de mulheres. Isso, quem sabe, permite que o olhar orientalista e colonialista seja menos avassalador e mais complexo e, portanto, não tão simplista como propõe Edward Said.

Mas as práticas coloniais eram ambivalentes, e a situação e a posição da mulher eram com frequência contraditórias. As mulheres podiam compartilhar os recursos do poder colonial nas colônias, mas não nas metrópoles, e esta dualidade tem sua origem nos discursos patriarcais e coloniais da diferença.

Uma mulher ocidental era marginalizada no contexto patriarcal em seu país de origem, onde seu papel social a concebia primeiramente em termos de inferioridade de gênero. Entretanto, nas colônias a percepção da superioridade racial podia ser mais forte que a inferioridade de gênero. O que é evidente nas narrativas de viagens das mulheres viajantes é que elas eram muito mais específicas, porque tinham como pressuposto a vivência feminina. (BLAKE 1992; MILLS 2005).

Tais narrativas exibem uma série de características específicas que, na maior parte, têm origem no processo de socialização particular das mulheres, assim como da natureza do tipo de viagem que as mulheres costumavam realizar. Efetivamente, poucas mulheres viajavam em missão oficial e, assim, suas descrições não necessitavam satisfazer a um oficial superior e nem tampouco tinham que reforçar sua reputação profissional. Por isso, os textos dessas narrativas femininas podiam expressar maior liberdade e não estavam sujeitos a considerações ditadas por estratégias profissionais ou políticas. Além disso, os textos femininos têm um maior interesse etnográfico e antropológico e são uma fonte inestimável para conhecer as populações nativas e a vida cotidiana dos países visitados.

Já foi considerado aqui que a categoria de gênero não pode ser isolada das demais categorias de nação, raça e classe e que a análise deve incluir a interação entre todos estes componentes. Isso quer dizer que devem ser analisados do ponto de vista da interseccionalidade (McCLINTOCK, 1995; RODÓ-DE-ZÁRATE, 2014). Em todo caso, as mulheres e homens viajantes eram ‘forasteiras/os’, pertencentes a outra raça, outra nação e outra cultura. Algo que nem sempre se teve em conta tão explicitamente como é necessário. De toda forma, o estudo das narrativas de viagem não prestou atenção suficientemente merecida à classe social (SECOR, 1999) tal como se mostra no estudo comparativo das mulheres viajantes, foco deste estudo.

GERTRUDE BELL (1868-1926): A RAINHA SEM COROA DA MESOPOTÂMIA

Uma vida de exploração e aventura

No momento de sua morte, em 1926, Gertrude Bell era uma lenda. Não é de se estranhar que dois dias depois o periódico *The Times* de 13 de julho de 1926 tenha publicado uma declaração da Câmara dos Comuns nestes termos:

Senhora Gertrude Bell, cuja morte anunciamos com grande pesar, é quem sabe, a mulher mais distinta de nosso tempo no campo da literatura, arqueologia e a exploração do oriente.

Contudo, sua fama foi logo obscurecida pela de seu excêntrico amigo e aliado T. E. Lawrence, mais conhecido como Lawrence das Arábias (GORDON, 1994; WALLACH, 1996; HOWELL, 2008). Curiosamente, não foi até a Guerra do Iraque, em 2003, que voltaram a aparecer referências sobre Gertrude Bell nos meios de comunicação, já que ela teve muito que ver com o nascimento do Iraque moderno e com a determinação de suas fronteiras meridionais. (GARCÍA-RAMÓN, 2002; LUKITZ, 2006).

Gertrude Bell nasceu no condado de Durham, no Reino Unido, próximo de Newcastle. Sua família possuía uma das maiores fortunas industriais da Grã-Bretanha. Ela foi uma das primeiras mulheres a licenciarse em História Moderna em Oxford. Era conhecedora de várias línguas,

falava francês, alemão e italiano, e mais tarde aprendeu persa, árabe e turco. Sua primeira viagem ao Oriente foi em 1892, quando visitou seu tio, embaixador britânico em Teerã. Ela teve várias relações amorosas durante sua vida, mas nunca se casou e, assim, desfrutou de grande liberdade para suas viagens.

Gertrude Bell publicou vários livros, escreveu inumeráveis cartas dirigidas à sua família e a amigos (BELL, 1987), bem como um diário que não foi publicado. Também redigiu vários informes políticos confidenciais para as autoridades britânicas sobre a situação na Mesopotâmia. Todo este material pode ser consultado no Fundo Gertrude Bell da Universidade de Newcastle.

Em 1893, Gertrude realizou uma viagem para Há'il, atualmente norte da Arábia Saudita, partindo de Damasco e passando por Palmira e Bagdá, entrando em Nefud e regressando a Damasco pelo sul, através do atual deserto jordaniano.

Esta viagem conferiu muita notoriedade a Gertrude Bell, porque durante a Primeira Guerra Mundial o Arab Bureau do Serviço Britânico de Inteligência Militar no Cairo lhe propôs que colaborasse com esta agência. Posteriormente, foi nomeada Secretária para Assuntos Orientais do Alto Comissariado Britânico no Cairo, Bassora e, finalmente, em Bagdá. Mas seu posto era semioficial, e com um salário simbólico. Sua posição social e econômica na Inglaterra e as suas conexões familiares lhe ajudaram a alcançar estes postos, como se deduz de uma carta de recomendação de 1915, de Lord Cromer, um dos homens mais influentes em tudo o que se referia ao Oriente Médio:

Senhora Gertrude Bell, que é uma grande amiga minha, viajará ao Egito. É filha do Senhor Hugh Bell, muito conhecido na política inglesa e dono de uma importante siderúrgica de Middlesborough. Faz anos que eu a conheço e posso afirmar que sabe mais dos árabes do que qualquer inglês ou inglesa na atualidade. Eu recomendo muito especialmente a Senhora Bell, no caso de que haja uma ocasião de encontrar-se com ela. (SAD, 135/6/12).

Gertrude Bell fez parte das negociações sobre a Mesopotâmia ocupada pelos britânicos e apoiou também os planos de T. E. Lawrence de colocar o Emir Faisal para chefiar o novo reino do Iraque. Este era da família de Hachemita, da Meca, e havia dirigido, juntamente com Lawrence, as forças

árabes contra os turcos durante a famosa marcha sobre Damasco. Em 1921, Bell fez parte da Conferência do Cairo em que Faisal foi proclamado rei.

Gertrude Bell no princípio teve grande influência sobre o novo rei, razão pela qual foi denominada ‘a rainha sem coroa da Mesopotâmia’. Bagdá se converteu em sua residência permanente, mas sua influência começou a enfraquecer pouco depois da proclamação de Faisal como rei. Como não era propriamente uma funcionária do Colonial Office e nem tampouco uma diplomata oficial, Gertrude deixou de ser útil para a política de Londres no Oriente Médio. Por esta razão, sua saúde foi deteriorando e, em 11 de julho de 1926, foi encontrada morta na cama, provavelmente por causa de uma dose fatal de barbitúricos.

AVENTURA E EXPLORAÇÃO NOS TERRITÓRIOS DO ORIENTE MÉDIO

Gertrude Bell manteve uma constante relação com a Royal Geographical Society (RGS). Ali fez vários cursos sobre projeções cartográficas. Em suas viagens, costumava levar seu teodolito para fazer medições de latitudes, que logo enviava à RGS. Em 1913, foi eleita membro desta organização, sendo uma das primeiras mulheres aceitas como membro, após a decisão da instituição em admitir mulheres como participantes.

Em 1918, foi homenageada com uma medalha de ouro da RGS pelo reconhecimento de suas explorações no deserto da Arábia. Bell publicou dois artigos sobre suas viagens na revista desta instituição (BELL, 1910, 1914). A RGS também prestou uma homenagem póstuma a Gertrude Bell, na qual o seu presidente destacou a importância das contribuições dela para o conhecimento de territórios quase desconhecidos pelos ocidentais até aquele momento (HOGARTH, 1927).

Sua contribuição mais significativa à exploração geográfica foi a mencionada viagem em 1913-1914 ao oásis de Há'il, situado estrategicamente sobre a rota principal de Bagdá até a Meca, que era praticamente desconhecida para os ocidentais. Viajou com vinte camelos, dois guias, um cozinheiro e três condutores de camelos.

Após numerosas dificuldades, alcançou Há'il, que era governada pela ‘casa de Ibn Rashid’, grande rival da ‘casa de Ibn Saud’, atual casa

reinante da Arábia Saudita. Poucos europeus haviam estado ali, e as informações que Gertrude Bell obteve sobre Ibn Rashid e suas relações com a ‘casa dos Saud’ foram de grande importância durante a Primeira Guerra Mundial.

Bell cartografou uma importante linha de poços no ângulo do Deserto de Nefud, na Arábia, e o maior resultado estratégico de sua expedição foram os dados que coletou sobre os grupos tribais que se encontravam entre a linha férrea de Heyaz, por um lado, e o Sirham e o Nefud, por outro. As explicações detalhadas de Bell foram de particular utilidade para Lawrence durante a famosa campanha árabe, denominada marcha sobre Damasco, em 1917 e 1918. A propósito disso, o Alto Comissariado Britânico em Bagdá comentou o seguinte na mencionada sessão necrológica de Gertrude Bell que ocorreu na RGS:

[...] todos ouviram sobre os êxitos extraordinários do Coronel Lawrence, que certamente o foram [...] Mas não sempre se é consciente de que para fazê-los possíveis foi necessária uma longa preparação prévia, e eu atribuo grande parte do êxito das empresas do Coronel Lawrence às informações e aos estudos em que a Senhora Bell teve uma participação destacada. (COX, 1927, p. 19).

GERTRUDE BELL: CÚMPLICE DA CAUSA E DOS OBJETIVOS IMPERIAIS?

Nos relatórios confidenciais ao governo britânico, Gertrude destacava as dificuldades de estabelecer um governo nacional sobre os diversos grupos que viviam dentro das fronteiras do Iraque, sobretudo os xiitas e os sunitas, um tema ainda de grande importância no Iraque atual.

Gertrude aconselhava o governo britânico que se pronunciasse a favor da minoria sunita, já que era a mais preparada, em sua opinião:

Ainda que os xiitas sejam a maioria no Iraque, os sunitas estão indiscutivelmente mais avançados como grupo do que seus rivais, cujo reduzido grupo de homens está submerso em um oceano de gente incivilizada e nada maleável. Enquanto as classes que predominam

entre os sunitas são proprietários de linhagem nobre, eclesiásticos, políticos, funcionários, profissionais, comerciantes e artesãos, um sólido corpo de pessoas mais ou menos educada e sensível ao progresso. (SAD, 150/7/83-86).

Entre xiitas e sunitas existia e ainda existe no Iraque uma diferença real de classe social, já que os primeiros eram sobretudo a população rural mais pobre da Baixa Mesopotâmia, e os poderes coloniais sempre souberam que teriam muitas vantagens se jogassem com o enfrentamento das diversas minorias ou grupos. É importante destacar que os relatórios confidenciais de Bell mostram uma mescla característica de valores pessoais e psicológicos, ao lado de juízos políticos. Assim, por exemplo, todos os preconceitos do ‘olhar orientalista’ sobre os governantes não ocidentais se revelam no retrato que Bell faz de Abdelaziz Ibn Saud, fundador do Estado Saudita e pai de todos os reis sauditas até agora:

[...] apesar de ser muito alto e de costas largas, transmite a impressão tão comum no deserto, de um cansaço indefinido, que não é individual, mas racial. A fadiga secular de um povo antigo e autocontido [...] seus movimentos estudados, seu sorriso lento e doce e o olhar contemplativo de seus olhos com as pálpebras caídas, ainda que reforcem sua dignidade, não se ajustam à concepção ocidental do que seja uma personalidade vigorosa. (BELL, Relatório Confidencial sobre a Mesopotâmia, p. 30-31).

É um retrato com os elementos orientalistas e de maneira sutil transmite a mensagem de que os europeus são superiores. Em 1917, o rei Jorge V lhe concedeu e nomeou como Comandante do Império Britânico. Isso não é de se estranhar, já que Bell empregou sempre os seus conhecimentos em suas viagens para favorecer a causa do Império Britânico. Em seus escritos fica muito claro que ela nunca imaginou que sua lealdade ao império poderia ser prejudicial ou nem sequer coincidia com os interesses dos árabes, a quem, com frequência, se referia, em um tom paternal, como essa “criança muito velha” (BELL, 1987). Esta metáfora da ‘criança velha’ para se referir aos orientais ou árabes tem conotações muito características do ‘orientalismo’.

IDENTIDADE E GÊNERO NA PERSONALIDADE DE BELL

Gertrude sentiu-se prisioneira por causa das limitações que a vida social lhe impunha devido ao seu gênero. Em numerosas ocasiões lamentou-se disso em seus escritos. Mas, como mulher, era consciente de que tinha também certas vantagens. Era mais fácil para ela estabelecer contatos com a população local, abrindo mais oportunidades de conseguir informações valiosas. Por exemplo, durante seu breve encarceramento ou detenção em um luxuoso harém em Há'il, onde só podia ser visitada por mulheres, obteve informação crucial de uma circassiana que havia sido concubina do último emir e com quem estabeleceu certa amizade. Em parte, porque era mulher, e uma mulher no serviço exterior era uma novidade; assim, os árabes a consideravam como 'semioficial', o que explica que chegassem a ela muitas notícias de que os funcionários britânicos não tinham conhecimento, as quais frequentemente eram muito reveladoras a partir de uma perspectiva política.

Gertrude também aproveitou as suas qualidades femininas como anfitriã para organizar jantares em sua casa em Bagdá, nas quais os xeiques locais e os membros da administração colonial eram convidados para que pudessem discutir questões políticas de maneira informal e menos rígida. Mas Gertrude chegou a ser famosa no Oriente Médio pelo que seus contemporâneos chamavam de qualidades masculinas. O presidente da RGS, no ato póstumo naquela instituição, disse:

A Senhora Bell é, todavia, tão bem conhecida ao longo do grande mundo árabe [...] Não creio que nenhuma mulher europeia tenha alcançado tanta reputação. Tinha todo o encanto de uma mulher combinado com muitas qualidades que atribuímos aos homens. No Oriente a conheciam pelas suas qualidades masculinas. (HOGARTH, 1927, p. 21).

Em suas viagens, Gertrude Bell se comportava sempre como uma dama e vestia longos e incômodos trajes vitorianos. Enquanto viajava pelo deserto, levava consigo um baú com finas lingerie e com vestidos elegantes que sempre vestia, inclusive quando estava só, para jantar. Certamente

era uma norma entre os funcionários e militares britânicos nas colônias, inclusive durante suas viagens, vestir-se de maneira muito formal em determinados momentos. Gertrude tinha muita clareza, igualmente como os funcionários britânicos, de que esses rituais serviam para manter um sentido de identidade cultural frente ao ‘outro’ e para perpetuar a ideologia do governo imperial. É curioso constatar que Bell seguia com muito interesse a última moda de Paris e de Londres, e ela pedia à sua mãe adotiva ajuda em suas compras:

Permita-me que lhe peça quatro blusas, por favor, de Crepe da China. Se possível, duas de cor marfim e duas de cor rosada. Envio com esta uns anúncios da Harrods que são elegantes, especialmente as que assinalei. Agradeceria também muito se pudesse encontrar e enviar a mim uma jaqueta verde de seda com botões prata [...]. (BELL, 1987, p. 340).

Nesta carta é possível identificar facilmente seu estrato social e sua identificação de classe. Não foi em vão que uma das necrologias publicadas por ocasião de sua morte no periódico *The Times* era intitulada “Moda de Paris e modos de Mayfair nos desertos da Arábia”.

ISABELLE EBERHARDT (1877-1904): A ‘NÔMADA APAIXONADA’ *Retrato de uma lenda*

Isabelle nasceu em Genebra, Suíça, em 1877. Sua mãe, casada com um general pertencente à aristocracia russa, fugiu para a Suíça, em 1872, com o tutor de seus filhos, um anarquista russo que havia sido um sacerdote ortodoxo. Este homem foi o pai de Isabelle, e ele dirigiu sua educação e transmitiu o inconformismo que marcaria toda a sua vida. Também a encorajou a usar roupas masculinas, ensinou-a a cavalgar e lhe deu aulas de árabe. Ávida leitora de Pierre Loti, sentiu-se atraída pelo Oriente. Em 1897, ela e sua mãe partiram para a cidade argelina de Bône (atualmente Annaba), onde ambas se converteram ao Islam.

Isabelle logo se sentiu próxima dos muçulmanos e começou a escrever uma série de relatos breves para a revista *L'Athénée*, mostrando imagens da vida local (BEHDAD, 1994). Sua mãe morreu depois de seis meses da sua chegada, e este fato marcou o início da vida nômade de Isabelle. Vestida como um homem árabe e usando um novo nome, Si Mahmoud, adquiriu um cavalo e dirigiu-se ao Saara. Por diversas razões legais, Isabelle perdeu sua herança, vivendo o restante de sua vida na mais absoluta pobreza.

Em 1900, no El Oued, casou-se com um jovem militar argelino que era membro de uma ordem sufi, a Qadriya, na qual Isabelle também foi iniciada. As autoridades coloniais consideravam a presença de Isabelle como perigosa para a lei e ordem locais. Por isso, ela foi expulsa da Argélia várias vezes, mesmo que tenha conseguido voltar. Em Argel, encontrou-se com Barrucand, o diretor de uma revista bilíngue favorável a uma política colonial 'suave', *El Akkar*. Isabelle começou a colaborar com esse periódico, e Barrucand a apresentou ao general Lyautey, que realizava uma penetração pacífica naquele território, mais do que uma conquista militar.

O general logo compreendeu que o domínio que Isabelle tinha do árabe vernáculo e seu amplo conhecimento das tribos locais e da cultura islâmica faziam dela um valioso recurso para a obtenção de informações para o aparato colonial francês. Paralelamente, seu casamento com um muçulmano afrancesado e seu pertencimento à Qadriya lhe dava acesso a lugares que nenhum outro europeu ousaria penetrar. Assim, o general propôs que ela se dirigisse ao deserto no sul de Oran para obter informações a respeito daqueles territórios desconhecidos e sobre as tribos ali radicadas e suas atividades.

Esta proposta coincidiu com seu desejo de liberdade e de cavalgar pelo deserto. Enquanto seu marido ficava no norte, ela foi para o sul, com a permissão do exército francês, que lhe conferia plena liberdade de movimentos naquela zona. Em 1904, morreu repentinamente, durante uma tormenta do deserto no Oásis de Aïn Sefra (CLANCY-SMITH, 1992; GARCÍA-RAMÓN e ALBET, 1998).

Isabelle sempre teve o desejo de se fazer um importante nome no mundo da literatura, e ela publicou diversos livros, com diferentes pseudônimos (muitos deles editados postumamente por Barrucand). O conteúdo de seus escritos é muito intimista, e neles ela reflete sobre a vida tradicional do deserto, algo que estava desaparecendo diante de seus olhos; imputava esse desaparecimento ao domínio colonial.

RESISTÊNCIA E/OU CUMPLICIDADE FRENTE ÀS POLÍTICAS COLONIAIS?

Isabelle foi bastante conhecida por suas afinidades e simpatias com os muçulmanos e criticou abertamente as políticas antiárabes da administração francesa. Por exemplo, em Boné, em 1899, quando os estudantes muçulmanos se revoltaram contra as autoridades coloniais francesas, Isabelle estava entre eles, e escrevia:

Se a luta se converte em inevitável, não duvidarei nem um só instante [...] quem sabe lutarei pelos muçulmanos revolucionários tal como fiz pelos anarquistas russos [...] ainda que com mais convicção e com um autêntico maior ódio contra a opressão. Me sinto agora mais muçulmana que então me sentia anarquista. (citado de seu Diário por KOBACK, 1989, p. 63).

É sabido que as simpatias de Isabelle pelos muçulmanos e suas atividades na irmandade de Qadriya, fórum nativo de oposição política, não foram do agrado dos franceses, tendo sido cuidadosamente registradas em diversos relatórios policiais na Argélia. De fato, em um momento em que a teoria da assimilação era um mito operativo, as tentativas extravagantes de Isabelle para manter um 'comportamento nativo' (*going native*) questionaram seriamente aquela teoria, sugerindo que a cultura nativa tinha seus próprios méritos e virtudes. Evidentemente, isso não podia ser tolerado pelos colonizadores franceses. Mas apesar de as simpatias de Isabelle estarem sempre com os mais desvalidos, e em que pese ela ter confiado romanticamente na justiça e na igualdade, nunca participou de nenhum movimento político. Sua revolução sempre foi claramente de evasão. Mas Isabelle sempre esteve convencida de alguns dos benefícios da administração francesa. Pertenceu a uma geração de livres pensadores eslavos que consideravam a França como a fonte do liberalismo. Assim, quando a acusaram de atividades antifrancesas, ela escreveu:

[...] sempre que posso lhes explico [...] a meus amigos nativos que a dominação francesa é muito melhor de ter do que a dos Turcos ou a de qualquer outro poder estrangeiro [...]. (EBERHARDT, 1988, p. 87).

Esta ambivalência pode nos ajudar a entender algumas de suas atividades e espacialmente aquelas levadas a cabo durante o último ano no deserto do sul. Os relatos que ela escreveu traduzem a vida em Tafilalet, no Saara fronteiro com o Marrocos. Descreve os soldados com que viajou e com os quais se identificava. Também apresenta a vida dos oásis da região e os costumes das tribos nômades, lamentando-se de algumas formas de vida que estavam desaparecendo. Mas também pensa que algumas das políticas coloniais poderiam trazer desenvolvimento para as áreas depauperadas:

[...] para justificar nossa presença no sudeste de Oran, a França tem o imperativo de assegurar uma paz benevolente na zona e utilizar todo tipo de iniciativas econômicas para melhorar a situação do país [...] Sem isso, a conquista desta zona [...] será uma empreitada inútil que qualquer pessoa sensível não duvidará em condenar severamente. (EBERHARDT, 1996).

De fato, pouco a pouco Isabelle foi adquirindo uma posição mais comprometida em relação às políticas de Lyautey, e ela acabou identificando-se parcialmente com elas. Finalmente, parece que Isabelle identificou nos planos de Lyautey um lado ‘humano’ do colonialismo, que deveria trazer paz e desenvolvimento. É certo que a viagem ao deserto do sul lhe proporcionou o estilo de vida que desejava e que lhe havia sido negado pelos colonizadores do norte, mas ela pagou por isso um preço muito alto, perdendo sua voz independente. A morte prematura de Isabelle evitou, ao menos, a dor de constatar que a política colonial de Lyautey, que ela tanto elogiou, culminou como outras políticas coloniais para as quais a paz significa simplesmente a intimidação.

Mas novas gerações de escritores do Magreb independente consideram que os escritos de Isabelle foram os primeiros a denunciar a alienação cultural dos colonizadores, e para muitos argelinos ela representa a defesa dos valores nacionais no momento culminante da época colonial, e eles a consideram uma precursora dos escritores magrebes francófonos:

A obra de Isabelle é notavelmente proto-posmoderna e pós-colonial: seu enfoque sobre a realidade do Magreb é percebido por muitos leitores atuais magrebes como uma tentativa pioneira [...] da revisão do orientalismo. (ABDEL-JAOUAD, 1993, p. 101).

TRAVESTISMO E O ENCONTRO COLONIAL

Robyn Longhurst (2007) constatou que o privilégio do conceitual sobre o corpóreo tem sido um dos pressupostos do conhecimento geográfico. Judith Butler (1990) já afirmava que o corpo é um elemento-chave na investigação feminista, pós-colonial e pós-moderna. No caso de Isabelle Eberhardt, este enfoque é bastante frutífero. De fato, Eberhardt parece entrar e sair de seu gênero da mesma forma que suas simpatias iam e vinham dos colonizadores aos colonizados.

A adoção de um nome muçulmano para suas viagens e seus escritos revela as múltiplas dimensões das transgressões de Isabelle. Escolheu um nome masculino, Si Mahmoud Saadi, simulando um jovem estudioso árabe em busca do conhecimento corânico (RICE, 1994). Esta escolha de um sexo diferente do seu pode ser interpretada como uma transgressão deliberada ou como uma rejeição ao papel de gênero imposto? Ou, ainda, por acaso, era apenas um meio para ser admitida nos âmbitos proibidos para as mulheres, inclusive as muçulmanas? Em parte, isto está sugerido em suas próprias explicações:

Posso passar completamente despercebida por qualquer lugar. Uma excelente posição para a observação. Se as mulheres não podem fazer isso é porque sua vestimenta chama a atenção. As mulheres sempre foram feitas para serem olhadas e, todavia, não parecem muito preocupadas com isso. Creio que esta atitude dá aos homens vantagens demasiadas. (EBERHARDT, 1996, p. 38).

Mas seu travestismo tem raízes em sua infância, quando foi fomentado por Trophimowsky, e já se disse também que era fruto das necessidades de sua vida nômade, o que complica ainda mais a questão. Eberhardt não apenas se vestia como um homem, mas também como árabe, subvertendo outra forma de hegemonia e transpassando assim uma fronteira cultural: um homem europeu podia ocasionalmente vestir-se como um árabe, mas não uma mulher europeia. O travestismo de gênero e de cultura de Isabelle provocava aberta hostilidade dos colonizadores franceses. Entre os árabes essas transgressões eram recebidas com indiferença, já que ela era europeia, e este era o único fato fundamental do ponto de vista dos nativos.

Mas Isabelle era muito consciente da diferença entre sua identidade feminina europeia e o papel de homem jovem árabe que ela adotou. Ela escreve com frequência: “ninguém conhece minha verdadeira identidade”, reconhecendo a separação entre sua identidade real e sua identidade adotada e, portanto, aceitando o gênero como categoria construída.

Em sua busca de uma identidade, tanto como em sua fuga daquela identidade que a aborrecia, Isabelle tomou para si diversos nomes exóticos masculinos e femininos, sempre árabes ou russos, ainda que em seus últimos anos tenha quase sempre utilizado o nome de Si Mahmoud Saadi, tanto nos seus escritos como em sua vida diária. Esta transgressão das fronteiras de gênero e de cultura perturbava profundamente as imagens estereotipadas do Oriente e do ‘outro’ e, definitivamente, da identidade colonial, baseada na diferenciação e discriminação racial.

REFLEXÕES FINAIS

O estudo das vidas e dos escritos de Gertrude Bell e de Isabelle Eberhardt nos oferece elementos importantes para a criação de uma imagem de alteridade, situada em um espaço remoto e exótico, e também nos revela a complexidade da experiência do encontro colonial. Isabelle e Gertrude desempenharam papéis significativos nas suas respectivas áreas coloniais do mundo árabe, embora se tenha detectado a ambivalência da simples noção de alteridade, tal e como é apresentada na obra de Edward Said.

O estudo destas duas mulheres coloca, além disso, o destaque da centralidade da categoria de gênero, que, combinada com as categorias de raça, nacionalidade, identidade e classe social, constitui um instrumento analítico muito útil para examinar as narrativas de mulheres viajantes no encontro colonial. De fato, não se pode afirmar, tal como faz uma boa parte da literatura feminista pós-colonial, que as mulheres viajantes ou exploradoras, pela sua condição feminina, tenham uma atitude menos racista ou mais crítica em relação ao projeto colonial. A análise interseccional evidencia um panorama muito mais complexo.

Para Bell, a viagem ao Oriente significava a liberdade; quer dizer, a mesma conceitualização do Oriente significava a possibilidade de aventura, da fuga que permitia transcender a domesticidade tradicional, neste

caso para escapar das estreitas margens da vida de uma jovem de alta classe na Inglaterra em seu tempo. Mas essa liberdade foi apenas a de converter-se em uma versão singular do *Englisman* imperial. Gertrude aproveitou do império para desfrutar de forma especial o poder que não havia podido ter na Inglaterra, e ela o fez sem questionar nenhuma superioridade imperial na Grã-Bretanha. Em contraste com sua atividade ‘masculina’ no Oriente, em seu país Bell se manteve dentro das barreiras de gênero mais convencionais. Contudo, e, ao mesmo tempo, aproveitou-se dessas mesmas feminilidades para estabelecer uma aproximação pessoal com muitos dos árabes com quem trabalhou, e deu uma publicidade entusiasta para sua história passada. Sua atitude e seu comportamento, que podemos ler em seus textos, são muito diferentes dos que são observados nos relatórios mais objetivos de funcionários coloniais, estes preocupados com suas carreiras administrativas e/ou políticas.

Para Isabelle Eberhardt, o Oriente (em seu caso, a África do Norte) foi também um lugar de emancipação pessoal e um meio de fugir das convenções rígidas da sociedade europeia. E não apenas fugir do papel de gênero, mas também de seu particular problema de sobreposição de identidades e nacionalidades (era russa, francesa, suíça ou magrebe?).

Ao contrário do caso de Bell, o discurso de Eberhardt constantemente distorce as fronteiras entre o colonizador e o colonizado. Ela é uma dissidente frente ao estereótipo colonial predominante. Contudo, sua vida e seus escritos mostram que uma mulher que havia sido indesejável pela administração colonial francesa podia chegar a ser instrumentalizada para efetivar a penetração colonial. Eberhardt transgrediu as normas europeias de gênero e identidade e, em geral, seus valores culturais, mas a autoexploração íntima que em realidade constitui suas viagens pelo deserto só foi possível sob condições coloniais. Ao cruzar e voltar a cruzar fronteiras, entre gêneros, idiomas, religiões e culturas, atesta sua capacidade para desafiar posturas patriarcais, feministas, coloniais ou pós-coloniais. Mas os últimos escritos de Eberhardt e suas atividades no deserto do sul argelino sugerem que sua nunca satisfeita realização pessoal no espaço colonial a levou a posturas cada vez mais ambíguas até se identificar com um dos aspectos do projeto colonial, aquele que encarnava o General Lyautey com seus planos de penetração pacífica no Saara. Suas origens nacionais e de classe, tão complicadas, devem ser levadas em conta para a compreensão de suas ansiedades, e elas explicam muitos traços de sua postura diante do conflito entre colonizadores e colonizados, um conflito em que ela era tanto testemunha como agente.

Em conclusão, a vida e os escritos de Isabelle e de Gertrude são claramente distintos, inclusive contraditórios, mas lançam muita luz sobre a fluidez das noções de gênero, raça, nação e classe, demonstrando a complexidade dos papéis políticos e ideológicos que exerceram as mulheres na colônia. Além disso, seus textos apresentam uma visão ambivalente e fluida do encontro colonial no Oriente em vésperas de ser colonizado. Em todo caso, trata-se de uma visão da alteridade mais matizada do que aquela que nos sugere Said, destacada nas narrativas masculinas. Finalmente, o estudo das narrativas de viagem por mundos pouco conhecidos proporciona aportações de grande interesse para a história da disciplina geográfica, ainda que com demasiada frequência se tenham evitado as aportações das mulheres exploradoras viajantes. É certo que nem Bell e nem Eberhardt são geógrafas, mas, por suas explorações e conhecimentos sobre o Oriente Médio e o Magrebe, provavelmente merecem ocupar um lugar na história das explorações na geografia, sobretudo se entendermos esta disciplina a partir de uma perspectiva pluralista e não excludente.

REFERÊNCIAS

ABDEL-JAOUAD, Heidi. Isabelle Eberhardt: portrait of the artist as a young nomad. *Yale French Studies*, v. 83, n. 2, p. 93-117, 1993.

BEHDAD, Ali. Allahou Akbar! He is a woman: colonialism, transvestism, and the orientalist parasite. In: _____ (Ed.). *Belated travelers: orientalism in the age of colonial dissolution*. Durham: Duke University Press, 1994.

BELL, Gertrude. The east bank of the Euphrates from Tell Ahmar to Hit. *The Geographical Journal*, v. 36, n. 5, p. 513-537, 1910.

_____. A journey in Northern Arabia. *The Geographical Journal*, v. 14, p. 76-77, 1914.

_____. *The letters of Gertrude Bell*. London: Penguin Books, 1987.

_____. *Informes confidenciales sobre la Mesopotamia*. Fondo Gertrude Bell, Universidad de Newcastle (não publicado).

BHABHA, Homi K. *The location of culture*. London & New York: Routledge, 1993.

- BLAKE, Susan L. A woman's trek. What difference does gender make? In: CHAUDHURI, Nupur; STROBEL, Margaret (Coord.). *Western women and imperialism*. Bloomington & Indianapolis: Indiana University Press, 1992. p. 19-34.
- BLUNT, Alison; ROSE, Gillian (Eds.). *Writing women and space: colonial and postcolonial geographies*. New York and London: Guilford Press, 1994.
- BUTLER, Judith. *Gender trouble: feminism and the subversion of identity*. London: Routledge, 1990.
- CERAROLS, Rosa. *L'imaginari colonial espanyol del Marroc*. Geografia, gènere i literature de viatges (1859-1936). Tesis doctoral. Departamento de Geografia, Universitat Autònoma de Barcelona, 2008.
- CLANCY-SMITH, Julia. The 'Passionate Nomad' reconsidered: a European woman in l'Algérie française. In: CHAUDHURI, Nupur; STROBEL, Margaret (Coord.). *Western women and imperialism*. Bloomington & Indianapolis: Indiana University Press, 1992. p. 61-78.
- COX, P. Discussion. *The Geographical Journal*, v. 70, n. 1, p. 17-19, 1927.
- DELL'AGNESE, Elena; RUPINI, Elisabetta (Eds.). *Turismo al maschile, turismo al femminile: l'esperienza del viaggio, il mercato del lavoro, il turismo sessuale*. Padova: CEDAM, 2005.
- DIKEÇ, Mustafa. Colonial minds, postcolonial places. *Antipode*, v. 42, p. 801-805, 2010.
- DOMOSH, Mona. Towards a feminist historiography of geography. *Transactions of the Institute of British Geographers*, v. 16, n. 1, p. 95-104, 1991.
- DRIVER, Felix. Geography's empire: histories of geographical knowledge. *Environment and Planning D: Society and Space*, v. 10, p. 23-40, 1991.
- EBERHARDT, Isabelle. *Ecrits sur le sable: oeuvres complètes I*. Paris: Bernard Grasset, 1988.
- EBERHARDT, Isabelle (com Victor Barrucand). *Dans l'ombre chaude de l'Islam*. Arles: Actes SudParis, 1996.
- GARCÍA-RAMÓN, María Dolors. Viajeras europeas en el mundo árabe. *Documents d'Anàlisi Geogràfica*, v. 40, p. 105-130, 2002.
- GARCÍA-RAMÓN, María Dolors; ALBET, Abel. Los relatos de mujeres viajeras ¿Una mirada crítica sobre el colonialismo? *Finisterra*, v. 33, n. 65, p. 99-108, 1998.
- GARCÍA-RAMÓN, María Dolors; NOGUÉ, Joan; ZUSMAN, Perla (Eds.). *Una mirada catalana a l'Àfrica: viatgers i viatgeres dels segles XIX i XX (1859-1936)*. Lleida: Pagès, 2007.
- GODLEWSKA, Anne; SMITH, Neil (Eds.). *Geography and empire*. Oxford: Blackwell, 1994.

- GORDON, L. *Gertrude Bell*. Newcastle: British Council/University of Newcastle, 1994.
- GREGORY, David. Edward Said's imaginative geographies. In: CRANG, Mike; THRIFT, Nigel (Eds.). *Thinking space*. London & New York: Routledge, 2000. p. 302-348.
- HERODOTE. *Revue de Géographie et de Géopolitique*, v. 11, 1978. (número monográfico sobre Géographie et colonialisme.)
- HOGARTH, D. G. Gertrude Bell's journey to Hayil. *The Geographical Journal*, v. 70, n. 1, p. 1-16, 1927.
- HOWELL, Georgina. *La hija del desierto: la extraordinaria vida de Gertrude Bell*. Barcelona: Lumen, 2008.
- JAZEEL, T.; MCFARLANE, C. The limits of responsibility: a postcolonial politics of academic knowledge production. *Transactions of the Institute of British Geographers*, v. 35, n. 1, p. 109-124, 2010.
- KABBANI, Rana. *Imperial fictions: Europe's myths of Orient*. London: Pandora Harper Collins Publishers, 1986.
- KOBACK, Annette. *Isabelle: the life of Isabelle Eberhardt*. New York: Knopf, 1989.
- LEWIS, Reina. *Rethinking orientalism: women, travel, and the Ottoman harem*. London & New York: I. B. Tauris, 2004.
- LIVINGSTONE, David. *Putting science in its place: geographies of scientific knowledge*. Chicago & London: The University of Chicago Press, 2003.
- LONGHURST, Robyn. Cultural geography: different encounters, encountering difference. *Documents d'Anàlisi Geogràfica*, v. 50, p. 105-120, 2007.
- LUKITZ, Liora. *A quest in the Middle East: Gertrude Bell and the making of modern Irak*. London: Frank Cass & SOAS, 2006.
- McCLINTOCK, Anne. *Imperial leather: race, gender and sexuality in the colonial conquest*. London & New York: Routledge, 1995.
- McEWAN, Cheryl. *Gender, geography and empire: Victorian women travellers in West Africa*. Aldershot: Ashgate, 2000.
- MILLS, Sara. *Gender and colonial space*. Manchester & New York: Manchester University Press, 2005.
- NOGUÉ, Joan; ROMERO, Juan. *Las otras geografías*. Valencia: Tirant lo Blanch, 2006.
- PHILLIPS, Richard. *Sex, politics and empire: a postcolonial geography*. Manchester: Manchester University Press, 2006.

PIMENTA, José R.; SARMENTO, João; AZEVEDO, Ana F. *Geografias pós-coloniais: ensaios de Geografia Cultural*. Porto: Figueirinhas, 2006.

PRATT, Mary L. *Imperial eyes: travel writing and transculturation*. London: Routledge, 1992.

RICE, Laura. Eberhardt as Si Mahmoud: translation or transgression? In: HAMDY, Karim; RICE, Laura (Eds.). *Departures: selected writings*. San Francisco: City Lights Books, 1994. p. 208-224.

RODÓ-DE-ZÁRATE, Maria. *Geografies de la interseccionalitat: l'accés de la joventut a l'espai públic de Manresa*. Tesis doctoral, Universitat Autònoma de Barcelona, 2014.

ROSSI, Luisa. *L'altra mappa: esploratrici viaggiatrici geografe*. Reggio Emilia: Diabasis, 2005.

SAD (Sudan Archives Durham), University of Durham, file *F. R. Wingate's Papers*.

SAID, Edward. *Orientalism*. London & New York: Routledge, 1978.

SECOR, Anna. Orientalism, gender and class in Lady Mary Wortley Montagu's Turkish Embassy Letters. *Ecumene*, v. 6, n. 4, p. 375-398, 1999.

SIDAWAY, James. Geography, globalization and area studies. *Annals of the Association of American Geographers*, v. 30, n. 1, p. 1-19, 2012.

WALLACH, Janet. *Desert queen: the extraordinary life of Gertrude Bell*. New York: Nan A. Talese/Doubleday, 1996.

YEGENOGLU, Meyda. *Colonial fantasies: towards a feminist reading of orientalism*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

ZUSMAN, Perla; LOIS, Carla; CASTRO, Hortensia (Eds.). *Viajes y geografías: exploraciones, turismo y migraciones en la construcción de lugares*. Buenos Aires: Prometeo, 2007.